

RESENHAS

HUME, David. ***Uma investigação sobre os princípios da moral***. Tradução e prefácio de José Oscar de Almeida Marques. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. 223 p. (Obras do século XVII. Coleção Repertórios).

Esta obra é precedida por uma outra, de grande envergadura, que é o ***Tratado sobre a natureza humana***, dividido em três partes, ou livros: "Do entendimento", "Das paixões" e "Da moral". Por aí se vê que a ética, em Hume, não está separada do conjunto. Uma profunda unidade subjaz à sua abordagem de cada um dos campos de estudo. Segundo as ponderações do tradutor brasileiro, expressas no prefácio, "A investigação sobre os princípios da moral foi considerada por Hume como o melhor de todos os seus escritos, tanto do ponto de vista filosófico como literário" (p. 15).

Hume mostra que um investigação deve proceder de fatos observados sobre o comportamento humano, deixando de lado quaisquer esquemas puramente hipotéticos e idealizados acerca da "real natureza" do homem.

A obra em apreço está dividida em nove seções e quatro apêndices. Na primeira seção "Dos princípios gerais da moral", Hume afirma que "**razão e sentimento** confluem em quase todas as decisões e conclusões morais" (p. 23). Assim, vai começar a investigação sobre o assunto tratando das virtudes sociais da **benevolência** e da **justiça**, por achar que, dessa forma, abrirá o caminho para a explicação das demais virtudes. A benevolência é uma virtude mais importante no ponto de vista de Hume. "As virtudes mais sociais e afáveis são, aí, as que devem ser principalmente levadas em consideração" (p. 28). Quanto à justiça, o nosso filósofo afirmará que ela "é absolutamente requerida para o bem-estar da humanidade e a existência da sociedade" (p. 57).

Na seção quarta, Hume discute o papel e os fundamentos da sociedade política, afirmando que o governo jamais teria surgido se fosse completamente inútil, "e que o único fundamento do dever da obediência é a **vantagem** que proporciona à sociedade, ao preservar a paz e a ordem entre os seres humanos" (p. 65-66).

Nas seções seguintes mostra por que a utilidade agrada, quais são as qualidades úteis a nós mesmos, quais as qualidades imediatamente agradáveis a nós mesmos e quais as qualidades imediatamente agradáveis aos outros. Suas reflexões são formuladas a partir da observação aguda do comportamento humano e, com frequência, estribadas em citações e exemplos dos autores antigos.

Nos quatro apêndices, Hume trata do sentimento moral, do amor a si mesmo, acrescentando algumas considerações adicionais com relação à justiça e a algumas disputas verbais, quando os filósofos invadem a domínio da gramática.

A obra está redigida numa linguagem clara e acessível ao leitor menos familiarizado com a filosofia. O tradutor conseguiu apresentar ao público leitor brasileiro uma tradução fiel e ao mesmo tempo elegante.

Alino Lorenzon
UFRJ

CAMPS, Victoria (ed.). **História de la ética**. Barcelona: Editorial Crítica, 1988-1992. 3v. 592p., 616p., 652p.

Esta **História da ética** tem como objetivo principal o estudo dos filósofos a partir da perspectiva de sua obra ética e política, sublinhando o interesse pela chamada "filosofia prática". A obra consta de três volumes que abarcam todo o pensamento ético, desde os gregos até as correntes mais representativas do século XX. Está dividida em capítulos monográficos, geralmente dedicados a um só filósofo ou, em alguns casos, a um tema ou a uma teoria ética. O último inclui alguns capítulos dedicados a estudar a relação da ética com outras ciências sociais inevitavelmente relacionadas com a filosofia moral, como a sociologia, o direito, a psicologia ou a psicanálise.

Não se trata de uma obra puramente informativa, mas sim de um ensaio de releitura dos filósofos e de uma preocupação de pensar o que disseram em matéria de moral e política. Colaboram na obra estudiosos e especialistas espanhóis, bons conhecedores da matéria e acostumados a explicá-la e discuti-la nas Universidades ou Institutos de Ensino Médio.

A obra é aberta com prólogo da organizadora, no qual explica o método adotado e a importância do estudo da ética no mundo contemporânea.

O primeiro volume é consagrado aos gregos até o Renascimento, compreendendo os seguintes capítulos. 1 - **O mundo homérico** (Emílio Ledo). 2 - **Os sofistas e Sócrates** (Carlos Garça Qual). 3 - **Platão** (Carlos Garça Qual). 4 - **Aristóteles e a ética da "pólis"** (Emilio Lledo). 5 - **O estoicismo** (Juan Carlos García Borrón). 6 - **Epicuro e seu jardim** (Manuel Fernández-Galiano). 6 - **O cristianismo e a filosofia moral cristã** (José Gómez Cafferena). 7 - **A Idade Média** (Saturnino Álvarez Turienzo). 8 - **A ética protestante** (José Luis L. Aranguren). 9 - **Humanismo e ética** (Francisco Rico). 10 - **A filosofia**

política no Renascimento: Maquiavel e as utopias (Miguel Ángel Granada).

O segundo volume trata da ética moderna. Consta dos capítulos seguintes. 1 - **O jurisnaturalismo** (José Vericat). 2 - **Hobbes** (Joaquín Rodríguez Feo). 3 - **Espinoza** (Vidal Peña). 4 - **Locke** (Victoria Camps). 5 - **A moral da "Enciclopédia"** (Jaume Casals). 6 - **Montesquieu** (Maria Garmen Iglesias). 7 - **Rousseau** (José Montoya). 8 - **Hume e a Ilustração britânica** (Alberto Saoner). 9 - **Kant** (José Luis Villacañas). 10 - **O idealismo Alemão** (Amelia Valcárcel). 11 - **utilitarismo** (Esperanza Guisán). 12 - **Schopenhauer** (Fernando Savater). 13 - **Kierkegaard** (Norbert Bilbeny). 14 - **Marx e o marxismo** (Gerard Vilar). 15 - **Nietzsche** (Fernando Savater).

O terceiro volume trata da ética contemporânea, estudando esta problemática.

1 - **OKrause-institucionalismo: um projeto de renovação ética para a sociedade espanhola** (Fernando Velasco). 2 - **O pragmatismo americano** (Gabriel Bello). 3 - **Freud e a gênese da consciência moral** (Carlos Castilla del Pino). 4 - **Sociologia e filosofia moral** (Salvador Giner). 5 - **Ética analítica** (Javier Sádabra). 6 - **Ética e direito no pensamento contemporânea** (Francisco J. Laporta). 7 - **Scheler e a ética dos valores** (Francisco Gomá). 8 - **Sartre** (Celia Amorós). 9 - **A ética na filosofia espanhola do século XX** (Enrique Bonete). 10 - **A escola de Frankfurt** (Carlos Thiebaut). 11 - **A psicologia moral** (de Piaget a Kohlberg) (José Rubia Carraceda). 12 - **A ética discursiva** (Adela Cortina). 13 - **O neocontratualismo: John Rawls** (Fernando Vallespín). 14 - **Onaturalismo contemporâneo: de Darwin à sociologia** (Camilo J. Cela Conde).

Os três volumes trazem no final um índice alfabético das autores citadas e cada capítulo apresenta uma boa bibliografia para estudos posteriores e de aprofundamento. A obra é dedicada ao conhecido especialista em ética, a professor e filósofo espanhol, José Luis Aranguren, de quem possuímos em tradução brasileira o livro **Ética e política**. Não há necessidade de enfatizar a valor e a importância da obra, única em língua ibero-americana.

Alino Lorenzon

DANESE, Atilio. **Cittadini responsabili**: questioni di etica politica. Roma: Edizioni Dehoniane, 1992. 304 p. (Coleção de Formação Social e Política, dirigida por A. Danese e G.P. Di Nicola).

O autor já publicou vários trabalhos, que direta ou indiretamente, tratam do assunto em pauta. **Il cammino verso l'eticità in Hegel** (1802-1803). (Téramo: Editrice "Idee e Vita", 1975). **Il ruolo socio-politico della religione nel giovane Hegel** (1793-1800), (Bolonha: Pátron Editore, 1977). **Pensiero dialettico e società occidentale**: Hegel e le scienze sociais (Téramo: Università "G. D' Annunzio", 1979). **Unità e pluralità**: Mounier e il ritorno alla persona. Prefácio de Paul Ricoeur (Roma: Città Nuova, 1984). **La questione personalista**: Mounier e Maritain nel dibattito per un nuovo umanesimo (Roma: Città Nuova, 1986). **Éthique et personalisme**. Prefácio de Paulette. Em. Mounier. (Lovaina: CIACO, 1989). **Riscoprire la politica**: storia e prospettive. (Roma: Città Nuova, 1989). **Simone Weil**: abitare la contraddizione (em colaboração com Giulia P. Di Nicola) (Roma: Edizioni Dehoniane, 1991). **Persona e sviluppo**: un dibattito interdisciplinare (Vários autores) (Roma: Edizioni Dehoniane, 1991). **L'io dell'altro**: confronto com Paul Ricoeur (Vários autores) (Roma: Marietti, 1993).

O autor é professor de Filosofia Política na Universidade de Térama, Itália. É fundador, com sua esposa, a professora Giulia Paola Di Nicola, da revista **Prospettiva Persona**, publicação trimestral, de inspiração personalista, ligada ao "Centro Ricerche Personaliste". Ambos estiveram três vezes no Brasil participando dos seguintes eventos: ECO-92 (Filosofia e Ecologia), Colóquio Simone Weil e Paul Ricoeur (1993), Congresso Internacional de Filosofia, promovido pela SBFC em 1994. Nessa ocasião, ministrou uma palestra no curso de Pós-Graduação em Filosofia da UGF sobre "A questão ética em Paul Ricoeur".

O livro em apreço é a continuação da obra anterior **Riscoprire la politica** (1989), sendo o resultado de numerosas reuniões, cursos e encontros com grupos interessados em conhecer, discutir e aprofundar a urgência da questão moral no campo da política. O livro divide-se em

três partes. 1 - O retorno à ética; 2 - A política para a pessoa; 3 - As novas fronteiras da política.

Partindo da constatação do grande interesse por esse campo e, ao mesmo tempo, da complexidade tecnológica das "sociedades desenvolvidas", Danese mostra como, ao lado de uma penúria na campo moral, se observa ao mesmo tempo uma forte procura pela efetivação dos valores éticos. Nessa procura se coloca em desafio da pessoa à ética, como as antinomias de autonomia e heteronomia, razão e experiência, uma educação para comunidade, o compromisso e reciprocidade. A pessoa, portanto, não é vista apenas como ser autônomo, mas relacional, na perspectiva intersubjetiva do outro, da reciprocidade, ampliando e atualizando a afirmação cartesiana "amo erga sum" ("Amo logo existo)". Mas, a intersubjetividade somente é possível através das mediações institucionais, como afirma Paul Ricoeur, salientando a constituição triádica da questão ética: o eu, o outro e instituições justas.

A expressão "A política para a pessoa" é discutida na perspectiva teleológica do bem comum e na restauração dos valores morais na democracia. O Estado, nessa linha de raciocínio, deve estar a serviço da pessoa dentro de uma concepção pluralista e respeito às pequenas comunidades. E aqui é retomado o tema do federalismo, muito discutido por Mounier, por Denis de Rougemont e pelo grupo *Esprit* após a Segunda Guerra Mundial. O federalismo, proposto por Danese, é o de uma democracia pluralista e participativa, das sociedades multiraciais, dum Estado federal entre federação e confederação.

Na terceira parte, referente às novas fronteiras da política, são discutidos temas como meio ambiente, bioética, bioética e medicina, ética e economia, as antinomias da política (papel do eleitor e dos eleitos, justiça e força, o controle do poder, a crise dos partidos políticos e o código deontológico do político com indicação de linhas de ação).

Face à crise dos partidos políticos e dos problemas morais das atuais democracias representativas (desinteresse dos cidadãos pela política, corrupção de toda sorte e em todos os níveis, confusão do público com o privado, burocracias administrativas pesadas), Danese propõe soluções estruturais, alertando para a necessidade urgente e inadiável de despertar e de formar cidadãos verdadeiramente responsáveis.

Alino Lorenzon
UFRJ

Jean-Louis Le Moigne, *LES EPISTEMOLOGIES CONSTRUCTIVISTES*, Paris, PUF (Presses Universitaires de France), 1995, 127p. (Coleção "Que sais-je?", vol. 2.969)

Como espécie de preâmbulo, devo dizer que, nos tempos de Ginásio do Estado, fui aluno de Oscar Stevenson. Lecionando português (gramática e literatura), o professor Stevenson incutiu em nós, dóceis discípulos, alguns ensinamentos que seriam memorizados para sempre. Eis um desses ensinamentos, constantemente repetido: "*Cada pensamento, frase. Cada frase, ponto.*"

Gravada a lição, tornou-se difícil "suportar" sentenças longas, contendo várias idéias. Mais difícil, ainda, aceitar frases que, além de longas, contivessem idéias atabalhoadamente (para não dizer incongruentemente) distribuídas. Tornou-se verdadeiro sacrifício, por exemplo, "descobrir" o que um autor pretendia asseverar ao apresentar diversos pensamentos, em um só período. Particularmente quando as orações ficavam "soltas" no período, com muitos apostos, vários parênteses, e apreciável quantidade de verbos e adjetivos...

Como não podia deixar de ser, frases longas, muito comuns nas obras de vários escritores franceses, contribuíram, decisivamente, para que deles me afastasse. Esse afastamento durou muitos anos. A partir de 1986-87, mais ou menos, tentando superar a "marca" deixada pelos velhos mestres, procurei, com disposição renovada, ler alguns livros de pensadores franceses, pelo menos para não ignorá-los. [Registre-se que assim nasceu o comentário "Filosofia - da Inglaterra ou da França?", publicado na *Rev. Bras. de Filosofia*, jul-set, 1991]. Com esse mesmo espírito, debruicei-me sobre o livro a respeito dos construtivismos.

Logo no início, esbarrei nas tais frases longas, de inteligibilidade fatigante. Nas p. 21-23, p. ex., estão citados várias idéias de vários pensadores. Se o leitor não os conhece, nem tem noção do que representam, na vida cultural, fica "na mesma". Na p. 24, há uma

frase que ocupa 18 linhas, com quatro diferentes trechos entre parênteses! Na p. 27 há uma pergunta formulada em 14 linhas... [O fôlego já se havia perdido ao chegar na "?"] Nas p. 30-31, há sentenças de oito, treze e doze linhas! Nesta última, aliás, os "*dois-pontos*" são usados duas vezes na mesma frase - fato que levaria o professor Stevenson a tirar dois pontos (em dez) da nota que o escrito pudesse merecer. [Dois pontos correspondendo a cada par de dois pontos - ficou claro? A "doença" contamina...] Na p. 33 há uma sentença que ocupa 14 linhas e tem triplo uso dos "dois-pontos"! Notar que a coisa vai piorando. Na p. 103 - de novo com triplo uso de "dois-pontos" - há uma sentença de 27 linhas!! Em suma, "*Português: redação: sabatina: Stenvenson: nota: zero*"... [Como diriam alguns de meus alunos, "E' mole??!"] Apesar de tudo, resolvi percorrer o livro, de começo a fim. Sem essa dose grande de boa vontade, jamais o teria lido.

Feitos os reparos e consideranda, vamos ao conteúdo da obra.

Le Moigne inicia seu livro notando que Piaget entendeu a epistemologia como "l'étude de la constitution des connaissances valables". Isso o leva a três questões fundamentais ("Que é o conhecimento?", "Como se constitui"? e "Como apreciar seu valor, ou sua validade?"), para observar que as respostas, em geral dadas como sabidas, raramente se põem explícitas.

No capítulo 2, o autor fala da classificação das ciências (Comte), ou seja, da "árvore" que recebeu muitos galhos novos (lógica, psicologia, economia política, etc.), sem, no entanto, modificar-se de modo apreciável. Nem mesmo as teorias quânticas, a astrofísica e a imunologia, p. ex., embora fossem prenúncio de futuras "abalos", conseguiram afetar a "árvore" de Comte. Le Moigne comenta, rapidamente, as idéias de Carnap e de Popper, ao caracterizar conhecimento (científico) **passível de ser ensinado** - transformado em "instituição". Há duas hipóteses e dois princípios "básicos" para um tal conhecimento. 1) Hipótese ontológica ("la réalité essentielle de la réalité existentielle"), admitindo existência das essências, independentemente dos observadores-teoreticistas. 2) Hipótese determinista, postulando que a realidade cognoscível está submetida a algum tipo de determinação (também cognoscível). 3) Princípio da "modelação (ou modelagem)

analítica", acompanhando Descartes, isto é, sugerindo que as dificuldades sejam "quebradas" em parcelas mais simples de contornar. 4) Princípio da razão suficiente, asseverando que nada ocorre sem uma causa (ou razão determinante). [Nota: o autor, *sem qualquer justificativa plausível*, admite que esse princípio implica a "natural" utilização da lógica formal...]

Em seguida, no capítulo 3, o livro indica, em esforço histórico, as raízes dos "construtivismos" - nas reflexões em torno dos fundamentos do conhecimento. Há um comentário em torno das idéias do matemático L. Brouwer (defensor do chamado "intuicionismo"). Le Moigne lembra certas contribuições antigas, de Protágoras, Aristóteles e Pirro. Discute, com mais vagar, os "VVV", ou seja, Leonardo da Vinci e Giambattista Vico - responsáveis por um "ressurgimento" dos construtivismos, que, via Montaigne e Pascal, talvez Kant, - acabariam chegando a Valéry. Passando por alguns autores menores, alcançamos Bachelard, Wiener, Bateson, von Foerster. Enfim, a trinca "principal", "PSM", formada por Piaget, Simon e Morin - responsável pelo que as epistemologias dos construtivismos teriam de "ensinável".

Comentando as idéias de Piaget, no capítulo 4, o autor lembra que o conhecimento não depende do sujeito nem das coisas, mas do "atrito" entre eles, da interação que se dá entre cognoscente e cognoscível. Tendo em conta os dois polos dessa interação, torna-se viável "organizar o mundo". A par disso, a inteligência não se separa do conhecimento: este será entendido via processo que o forma e via resultado desse mesmo processo.

O autor registra duas frases conhecidas, que precisariam ser mais assiduamente lembradas: "Marcheur, il n'y a pas de chemin, le chemin se construit en marchant", atribuída a Bachelard, e "En changeant ce qu'il connait du monde, l'homme qu'il connait", devida ao biólogo Dobzhansky (que, aliás, lecionou na USP).

Com tais lembretes, é fácil perceber que a modelação sistêmica difere, segundo o autor, da modelação analítica (predominante desde Descartes), porque dá grande importância ao modelador e aos projetos que ele tenha traçado, em busca de conhecimento. De acordo com o autor, os construtivistas aderem a um *princípio de ação inteligente*, ou seja, admitem que o ser humano (em diretriz antecipada

por J. Dewey) é capaz de "elaborar e transformar *representações inteligíveis* dos fenômenos que o espírito percebe". Isso lhe permite "inventar respostas, sob a forma de *ações inteligentes*". Mais: permite construir conhecimentos "faisables". Atingimos, assim, o adequado nível do "CQA" (Como queríamos argumentar) - que substitui o "CQD" (Como queríamos demonstrar).

No capítulo 5, Le Moigne sugere que o conhecido "tableau" de classificação das ciências, de A. Comte, deveria ser substituído por um "diagrama" de Piaget, Simon e Morin (p. 102), uma espiral em que os conhecimentos se interfecundam, ligando lógica e matemática, sucessivamente, (1) à física; (2) à biologia, (3) às ciências psicossociológicas; e, enfim, retornando ao ponto inicial. [Noto, sem burilar o tema, que a "espiral" talvez não retrate os "fatos" de modo apropriado, pois tem um ponto inicial ao qual não se retorna - e, além disso, parece um "tufão" arrasador...]

No capítulo final, El Moine lembra que continuam meio obscuros, para a grande maioria dos estudiosos, os alicerces em que se assentam os conhecimentos "valables". Sugere, pois, que se dê atenção aos construtivismos. Em vez de ficar diante de um dilema tradicional, optando ou por ciência ou por filosofia, o construtivista, sabiamente, concebe conhecimento em termos filosófico-científicos.

Cumprir corrigir: faltam, na bibliografia, indicações a respeito do livro de J. Ullmo (p. 22); a a respeito de von Foerster (p. 77); 'Feyerabend' e não 'Feyerabendt' (p. 28).

Leonidas Hegenberg

Res r 23 - jun. 96.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**, RJ: Martins Fontes, 1993.

Nesta obra, **A Poética do Espaço**, mais do que em outras obras, Bachelard consegue dar à "imagem" um estatuto, uma existência. Abordando temas como: Casa, Universo, Gaveta, Ninho, Concha, Cantos, Miniatura, Imensidão, Interno e Externo, Redondo, nos leva ao mundo das imagens, que irão representar o "Devir das coisas".

Bachelard lembra da necessidade de se estar presente no instante que acontece esta imagem. Uma vez tendo a imagem poética teremos também o realce do psiquismo, mal estudado em causalidades psicológicas subalternas. Aqui não podemos tomar como base o passado cultural, a construção de pensamentos sejam eles filosóficos ou não. Temos que manter viva a atualidade do poema, da nova idéia que surge, mesmo que isso signifique rever outras idéias já concebidas e fixas para possibilitar o advento do ato poético.

Na **Poética do Espaço** Bachelard procura celebrar um espaço feliz. O canto, o cofre, a concha, tudo nos convida à habitação. É o espaço que nos dá a compreensão de plenitude e de morada. Esta obra é sem dúvida um verdadeiro hino em homenagem ao "Redondo". Nela, as superfícies são desprezadas, porque enganadoras. A reflexão bachelardiana sobre o espaço procura assinalar apenas e de um modo vivo e cuidadoso os centros, as habitações com seus cantos e sua dinâmica de ir e vir, os embriões. Põe à luz o espaço do "Não-meu completamente meu".

Podemos ver que o armário com suas prateleiras, a mesa com suas gavetas, o cofre com seu fundo duplo trazem em si um vida psicológica secreta. Transmitem modelos para a vida íntima do ser humano. Quando os objetos recebem a amizade que lhes convêm, já não podemos tocá-los como antes, sem estremecermos um pouco. Agora tocamos um ser vivo.

A redondeza do espaço habitado não se parece com nenhuma esfera já conhecida, nem mesmo com um círculo. Há nesta redondeza apenas a alegria de nos alojarmos. O verdadeiro aconchego.

Bachelard enfatiza o símbolo da intimidade que poderá esclarecer tanto os poemas e os mitos como as festas humanas e os ritos; como por exemplo os ritos da morte e sepultamento na terra (temos no túmulo a imagem do útero), um ser fechado, protegido, escondido. Aconchego de mistérios. A Casa, o Caracol e o Universo contém em si um ser que sairá um dia, que renascerá. Aí vemos um destino da imagem que por si exige esta ressurreição.

Encontramos na obra a importância de um mundo habitável e redondo. Lembrando que a "Casa de Bosco" vai da terra ao céu com a verticalidade da torre. Ela vai das profundezas terrestres até à morada celeste. Um verdadeiro escritor poderá tomar a imagem desta mesma casa para construir a verticalidade humana.

Abordando a intimidade do "espaço redondo", Bachelard deixa claro que a palavra redondo deve ser tomada em seu sentido verdadeiro, deve cumprir honestamente sua tarefa de linguagem na vida cotidiana, mantendo suas possibilidades poéticas. Como por exemplo na expressão de Bergson "a gaveta que desdém" temos um palavra-metáfora polêmica. Bachelard deseja ir mais além, usando a metáfora como relativa a um ser psíquico diferente dela.

Através dos temas 'evocados' ele quer retomar o contato com a reserva insondável dos devaneios de "Intimidade", onde todos os seres passam a ser como nós, por nós e para nós, dentro de uma intimidade.

É a partir desta compreensão bachelardiana das coisas que vamos pronunciar as palavras e viver nelas de um modo diferente. Agora, cada sílaba terá um sentido que irá além da simples articulação e da pronúncia. Já não teremos mais pressa em pronunciá-las, como procuraremos demorar em alguns espaços habitados. Porque lhes conferimos um ser poético e somente um verdadeiro poeta sabe da profundidade de uma gaveta, de um armário e até mesmo do universo. Porque o espaço desses seres já não se abre para qualquer um, porque são "espaços de intimidade".

Mauro Cardoso Simões
Paulo Fernando Baroni
Marcos César Alves
Ednaldo Almeida da Silva
Jonas Rodrigo Gonçalves
(Instituto de Filosofia - PUCAMP)